

A corporalidade negra nas músicas do rapper Emicida: referências para o Ensino de Ciências

Tatiana Galieta¹

Resumo: O corpo humano destaca-se como objeto de estudo e de ensino das Ciências Biológicas. Neste texto visou romper não apenas com a fragmentação e descontextualização do foco no corpo biológico, mas, sobretudo, com a branquidade e o racismo. Para tanto, explora a corporalidade que envolve dimensões espirituais e afetivas que foram apagadas dos corpos na ciência moderna e, especificamente, negadas aos negros e às negras desde sua escravização e mesmo após a abolição. Busco relacionar as músicas do rapper Emicida que se enquadraram na categoria temática “corporalidade” a discussões socialmente relevantes tendo como referência uma educação em ciências antirracista. Analiso parcialmente sete músicas da literatura de Emicida enfatizando aspectos da corporalidade para o ensino de Ciências e Biologia.

Palavras-chave: CORPO, CORPORALIDADE, EMICIDA, ANTIRRACISMO, RAP.

1 Faculdade de Formação de Professores - Universidade do Estado do Rio de Janeiro tatigalieta@gmail.com

Introdução

O corpo humano tem sido um dos principais objetos de estudo da Biologia Moderna, algo que se reflete no ensino das Ciências Biológicas e, conseqüentemente, acaba por propagar uma ideia de um corpo focado em seus aspectos biológicos, estruturado de maneira fragmentada e descontextualizada (TRIVELATO, 2005). Essa discussão sobre o corpo no ensino de Ciências não é recente e vários estudos se debruçaram sobre o tema (ARAUJO et al., 2015). No entanto, tradicionalmente realizamos uma discussão sobre corpo humano biológico e/ou cultural que ainda era marcada pela branquidade. Mesmo que recentemente tenhamos avançado na discussão sobre corpos negros retratados em materiais didáticos (SILVÉRIO; MOTOKANE, 2019), pouco exploramos outras formas de encarar a corporalidade negra que se expressa filosófica, cultural e religiosamente em diversas produções e manifestações.

Sou uma mulher não preta e, portanto, não possuo o corpo atravessado pelo racismo e todas as suas formas de violência. Este trabalho se origina dos questionamentos que passo a fazer sobre meus privilégios que acarretaram em minha reaproximação da cultura Hip-Hop. À medida que aprofundo os estudos em referências teóricas negras passo a ter outra visão sobre o corpo do outro, do corpo negro, e dos sentidos que produzo sobre esses corpos. No encontro dessas leituras com as músicas de rappers brasileiros/as deparo-me com a concretude das vidas de jovens, mães, mulheres e crianças pretas das periferias brasileiras retratada nas letras.

Desde 2015 acompanho o trabalho do rapper Emicida e propus-me a explorar em sua obra os diferentes aspectos sobre corporalidade. Aqui destaco que ao utilizar o termo “corporalidade” refiro-me não apenas às características físicas e biológicas do corpo humano. Busco com ele alçar as dimensões do espírito, da alma, da inteligência, do cotidiano, dos sentimentos, das afetividades dos corpos humanos, aqui, especificamente, dos corpos negros. Dimensões estas que foram apagadas na ciência moderna e negadas aos negros e às negras desde sua escravização.

Apresento neste trabalho o recorte de uma pesquisa que teve como objetivo explorar a literatura do rapper Emicida como referência de uma educação em ciências antirracista e das minorias (GALIETA, no prelo). Aqui, busco relacionar as músicas que se enquadraram na categoria temática “corporalidade” a discussões socialmente relevantes em aulas de Ciências e Biologia. Ainda de início enfatizo que a pesquisa não quis chancelar músicas do artista visando seu uso no ensino. A intelectualidade de Emicida é aqui

humildemente reconhecida e sua literatura foi estudada como um corpo teórico de excelência.

Corpos negros e Eugenia

Corpos negros no Brasil sempre foram violentados, perseguidos e exterminados. Desde a forçada retirada de seus territórios em África até sua chegada e permanência nas terras da colônia brasileira no século XVI, pessoas negras sofreram diversas formas de violência (física, sexual, cultural e espiritual) tendo seus corpos escravizados em lavouras de cana de açúcar e de café. Após a abolição, as violências prosseguiram com os “libertos”, tendo os cientistas papel decisivo na continuidade dos efeitos de opressão e exclusão da população negra.

Os ideais eugênicos iniciados no século XIX sustentavam-se no conceito biológico de raça que servia para explicar e nomear diferenças fenotípicas. Assim, raças distintas exibiam determinadas capacidades biológicas para o desenvolvimento cultural (FRANCISCO JR., 2008). Dentro das “pesquisas eugênicas” destacavam-se os estudos anatômicos, sobretudo análises morfométricas, de corpos (cadáveres ou vivos) de homens e mulheres negros/as. O processo de objetificação, desumanização e a hipersexualização do corpo negro, sobretudo da mulher, decorrente do racismo científico, foi (e é) fundamental para sua opressão e seu silenciamento. Conforme diz Bezerra (2016, s/p), os instrumentos utilizados nesse processo se perpetuaram historicamente também “na relação de traços de selvageria, animalização e incivilidade do corpo negro, em contraponto ao corpo branco relacionado a traços de beleza, engenhosidade, inventividade e progresso”.

O status científico das teorias eugênicas passa a ser de extrema relevância na definição de políticas públicas racistas. Os corpos negros continuam, com o aval da ciência moderna e da criação de leis (como, por exemplo, a lei das contravenções penais de 1941), excluídos da sociedade (ALMEIDA; SANCHEZ, 2016). Entretanto, a dominação e o controle desses corpos não se dão apenas a partir de normas jurídicas e pela criação de regras institucionais. A hegemonia de um grupo racial, no caso da sociedade brasileira de homens brancos, ocorre inclusive quando “a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo” se tornam “o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade” (ALMEIDA, 2019, p. 40). A partir desses mecanismos de elaboração de percepções culturais e subjetivas, nega-se a presença de corpos femininos e pretos em determinados espaços, excluindo-os.

Logo, a resistência e o rompimento com a opressão sofrida há séculos passa pelos próprios corpos como símbolo de luta e de visibilização de suas causas. No caso específico do movimento negro destacamos a estética, “a afirmação positiva do cabelo negro, crespo, etnicamente representado por dreads e tranças” que “é uma forte imagem de luta e resistência utilizada pela população negra desde as senzalas, é a afirmação de uma assunção étnica e construção identitária de uma negritude (...)” (BEZERRA, 2016, s/p). No âmbito cultural, destacamos a resistência dos corpos pretos em danças e músicas urbanas, tais como a capoeira, o Funk carioca e o Hip-Hop paulistano. Várias de suas letras relembram violências sofridas pelos povos africanos escravizados no Brasil, bem como denunciam o genocídio de jovens pretos em curso em nosso país. É fundamental destacar o elemento cultural no processo de colonização e na teoria de embranquecimento, uma vez que a cultura branca era/é tida como superior e civilizada. Não à toa, até hoje, o Funk e o Hip-Hop são tidos como “culturas menores”.

Tendo esse panorama, trago nesta pesquisa a proposta de utilizar como referência o Rap (um dos elementos do Hip-Hop) na educação formal tendo o entendimento de que a entrada da cultura das periferias, das ruas, de jovens negros/as na escola fortalece identidades e reforça vínculos com ascendências e ancestralidades marginalizadas. Assim, busco nas músicas de Emicida um referencial teórico antirracista. Em consonância com Verrangia (2016, p. 84), o compromisso com uma educação em ciências antirracista remete ao desafio de “proporcionar a nossos/as cidadãos/ãs a vivência de processos educativos que os/as levem a superar preconceitos raciais, a viverem práticas sociais livres de discriminação e que contribuam para seu engajamento em lutas por justiça social, étnico-racial”.

Emicida: breve apresentação²

Leandro Roque de Oliveira nasceu em 17 de agosto de 1985 no Jardim Fontalis, zona norte de São Paulo. Uma de suas primeiras paixões foram as Histórias em Quadrinho (HQs); inclusive, a revista “Motoqueiro Fantasma” serviu de inspiração para o nome de sua empresa Laboratório Fantasma. Ele se formou em Design pela Escola Arte São Paulo, escrevia roteiros e fazia desenhos de HQs. Ele considera que esta foi a porta de entrada para a

2 As informações apresentadas nesta seção foram retiradas de entrevistas feitas com Emicida disponíveis no YouTube.

composição de poesias e raps. Quando Leandro alcança êxito nas batalhas de MC's passa a se chamar Emicida.

Até poder viver da música trabalhou como pedreiro, ele foi pintor, artesão, técnico de som, vendeu hot-dog e em feiras. Lançou seu primeiro single via Internet em 2005 ("Contraditório Vagabundo"), porém somente com "Triunfo" (2008) passa a ter maior visibilidade, sendo este o marco inicial de sua carreira profissional como rapper. Ele estreou na televisão participando da equipe de "Manos e Minas" (TV Cultura, 2010) e também foi apresentador do "Sangue B" (MTV, 2011). Sua entrada na grande mídia se deu com sua participação em programas de TV aberta para lançamento da mixtape "Emicídio". Desde 2018, é um dos integrantes do "Papo de Segunda" do canal GNT. Em julho de 2020, Emicida foi entrevistado no programa "Roda Viva", tendo grande audiência e repercussão nas mídias sociais.

Emicida soma 16 singles, duas mixtapes, três álbuns de colaboração (sendo dois deles ao vivo), quatro EPs (um deles em colaboração), 1 (um) álbum ao vivo solo; três álbuns de estúdio; três livros (dois destinados ao público infantil), três documentários e dois podcasts.

Devido à popularização de seu trabalho, com grande evidência midiática e forte inserção no *mainstream*, Emicida é o rapper com maior visibilidade no Brasil atualmente. Justifico minha escolha pela literatura de Emicida por seu posicionamento político, pelo alcance de suas músicas e pela repercussão de sua voz junto a públicos das mais diversas idades e perfis socioeconômicos. Acredito que sua história de vida, que exemplifica a trajetória de um menino e jovem negro periférico que atualmente é bem-sucedido graças à música, seja legítima e sirva como um exemplo positivo nessa sociedade em que o homem negro é visto como violento, agressivo e ameaçador; estereótipo este construído e reforçado pela mídia e por vários rappers.

Percursos metodológico

O estudo foi desenvolvido a partir de elementos típicos de pesquisas qualitativas. As etapas da pesquisa consistiram em: 1ª) Obtenção do material empírico (levantamento da discografia completa; obtenção das letras das músicas); 2ª) Exploração e descrição (leitura das letras e audição das músicas; identificação dos temas recorrentes; constituição de categorias temáticas); 3ª) Interpretação e análise das músicas com a identificação dos potenciais teórico-didáticos da literatura de Emicida para o ensino.

Foram obtidas as letras das músicas que integram os álbuns de estúdio “O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui” (EMICIDA, 2013), “Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa” (EMICIDA, 2015) e “AmarElo” (EMICIDA, 2019), todos produzidos pela Laboratório Fantasma. Considerando os três álbuns, chegamos ao total de 39 faixas tidas como o material empírico da pesquisa.

A leitura das letras foi acompanhada por uma escuta atenta das músicas, de forma exploratória (pelo menos três vezes). Assim, pude elencar os temas iniciais que somaram o total de 13. Em seguida, busquei agrupá-los em categorias, chegando a sete: materialidade da vida; relações interpessoais; ancestralidade e espiritualidade; racismo e resistência Negra; corporalidade; referências; e natureza (GALIETA, no prelo).

Especificamente na categoria temática “corporalidade” foram classificadas 28 músicas, sendo a mais recorrente. Utilizamos dois critérios de seleção das músicas para explorar o potencial teórico-didático: i) músicas que contemplaram mais de quatro categorias; ii) letras que obrigatoriamente tinham interface com as categorias “ancestralidade e espiritualidade” e “racismo e resistência Negra” (visando contemplar a lei 10.639/2003). Uma vez tendo sido selecionadas, as músicas e letras foram novamente ouvidas/lidas em busca da demarcação de aspectos relevantes para o ensino de Ciências.

Resultados parciais

A partir das classificações em categorias temáticas e dos critérios acima expostos cheguei a oito faixas: “Samba do Fim do Mundo” e “Ubuntu Fristaili” (EMICIDA, 2013), “Boa Esperança”, “Trabalhadores do Brasil”³ e “Mandume” (EMICIDA, 2015), “Principia”, “Eminência Parda” e “AmarElo” (EMICIDA, 2019). Sugiro que o/a leitor/a combine a leitura a seguir com a audição das músicas. Abaixo ressalto alguns aspectos acerca da corporalidade que podem ser discutidos a partir destas músicas.

Em “Samba do Fim do Mundo”, Emicida fala sobre “guerra racial”, “revolução morena” usando a primeira pessoa do plural: “Somos a contraindicação do Carnaval, Nagô de tambor digital” e “Somos a bomba, redenção, Napalm”. Existe uma tensão entre “nós” e os “outros”. O “nós” pode ser entendido como qualquer grupo minoritário. Apesar disso, incentiva a luta, o amor, a coragem (“não ter medo”) e a humildade (“ser maior”), apesar de sentir dor. A sensibilidade humana da resistência Negra margeia a corporalidade na

3 2 Nesta faixa é declamado um poema recitado por Marcelino Freire.

música. “Ubuntu Fristaili” tem como tema a fé, elevando a música ao status de religião. Nela, a corporalidade manifesta-se em pessoas de Axé, pela adoração aos orixás (Ogum e Xangô) com um beat de percussão que remete aos tambores de terreiros (“De pele ou digital tanto faz é tambor”). O apelo do refrão guarda relação com o racismo sofrido por pessoas de religiões de matriz africana. A fé também está presente em “Principia”, que conta com a participação do Pastor Henrique Vieira, em versos como: “Se a benção vem a mim, reparto” e “Deus, por que a vida é tão amarga?”. A questão da sensibilidade de homens pretos (que rompem com o estereótipo do “rapper mau/gângster” e, conseqüentemente, com uma masculinidade viril) apresenta-se nesta música por meio da solidariedade, a própria filosofia Ubuntu: “Cale o cansaço, refaça o laço / Ofereça um abraço quente / A música é só uma semente”.

“Mandume” é assinada por Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike e Raphão Alaafin. A letra traz diversas referências a personagens históricos, línguas e territórios africanos, aos orixás e a episódios recentes de violência contra pessoas negras⁴. Destaco a corporalidade com ênfase em questões de gênero especificamente a objetificação e a violência contra corpos de mulheres e gays. Enquanto Drik canta: “Tanta ofensa, luta intensa nega a minha presença / Chega! Sou voz das nega que integra resistência”, Dalasam reforça: “Pior que eu já morri tantas antes de você me encher de bala / Não marca, nossa alma sorri brigar é resistir nesse campo de fardas”. Em um país que mais comete feminicídios e assassinatos da população LGBTQI+, é essencial seja dada visibilidade aos corpos que foram tratados pela ciência moderna como “aberrações biológicas” ou “desvios de padrões”. Essa dimensão da corporalidade também está presente em “AmarElo”: cantada com Majur e Pablo Vittar, corpos trans e travestis são “alvos passeando por aí”, mas que têm direito a voz e não devem ser reduzidos às suas cicatrizes.

Por fim, elejo o eixo morte/sobrevivência/resistência na relação com a corporalidade. A Biologia (e o seu ensino) como “a ciência da vida” pouco aborda a morte. Acabamos, assim, não dialogando sobre mortes naturais e mortes violentas. **Quais corpos são mortos violentamente?** A desconstrução de narrativas que se pautam em “darwinismos sociais” pode ser conduzida a partir da literatura de Emicida. “Eminência Parda” tem em seu refrão o verso cantado por Jé Santiago: “Escapei da morte, agora sei pra onde eu vou (...)/ Não confio em ninguém, muito menos nos pow pow” e mais adiante Emicida

4 Uma análise sobre o videoclipe de “Mandume”, que inclui alguns aspectos sobre os corpos, é encontrada no texto de Oliveira e Bragança (2019).

entoa: “Só quem driblou a morte pela Norte saca / Que nunca foi sorte, sempre foi Exu”. Jovens negros periféricos driblam e escapam da morte diariamente. A violência policial aparece em “Boa esperança”: “Vence o Datena com luto e audiência / Cura baixa escolaridade com auto de resistência”. A forma como a mídia retrata a violência urbana, reproduzindo estereótipos e espetacularizando prisões e assassinatos de homens negros constitui importante viés no debate racial. ***Por que corpos negros podem ser mortos violentamente?*** Estudos científicos atrelados à eugenia serviram para a naturalização da violência contra esses corpos que foram desumanizados, animalizados e desalmados. Corpos esses que não precisam ser (auto) cuidados: “Nessa equação chata, polícia mata – Plow! / Médico salva? Não! Por quê? Cor de ladrão”. As duas músicas têm forte caráter de denúncia, típico do Rap.

Considerações finais

A literatura de Emicida é potente, sensível e revolucionária. Vários elementos de sua obra não foram aqui explorados. Das quatro músicas do rapper que foram inicialmente analisadas pudemos encontrar elementos de uma corporalidade negra que se remete ao afetivo, à religiosidade/espiritualidade, às relações interpessoais, ao racismo, à ancestralidade, à sensibilidade e, sobretudo, à resistência de corpos negros e das minorias. Ressalto a possibilidade de leitura da obra em conjunto com os videocliques das músicas. As imagens trazem novos elementos para discussões sobre os aspectos exemplificados.

Finalmente, reforço que a ideia desta pesquisa consiste em abordar as letras das músicas de Emicida como uma literatura antirracista e não como pretexto para ensinar conteúdos tradicionais específicos da Biologia que reduzem o corpo a um punhado de órgãos e processos fisiológicos. Embora reconheça como legítimos e fundamentais os conhecimentos biológicos, acredito que ao focarmos nessa corporalidade sensível estamos rompendo com processos históricos de desumanização de corpos negros e minorias que integraram o racismo científico.

Referências

ALMEIDA, M. A. B. de.; SANCHEZ, L. Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil. **Revista Eletrônica de Educação**, 10(2), 234-246,

2016. ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/ Pólen, 2019.

ARAUJO, C.; RAMOS, P.; GIANNELLA, T. Corpo humano no ensino de Ciências: uma revisão da literatura nacional. In: **Atas... X ENPEC**. Águas de Lindóia, SP: ABRAPEC, 2015.

BEZERRA, C. O lugar do corpo negro e o racismo institucional. **Portal Gelédes** [online], 04 jan. 2016.

EMICIDA. **O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui**. Álbum. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013.

_____. **Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa...** Álbum. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015.

_____. **AmarElo**. Álbum. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019.

FRANCISCO JR., W. E. Educação anti-racista: reflexões e contribuições possíveis do ensino de ciências e de alguns pensadores. **Ciência & Educação**, 14(3), 397-416, 2008.

GALIETA, T. **A literatura do rapper Emicida como referência para uma educação em ciências antirracista e das minorias** (no prelo).

OLIVEIRA, O. B.; BRAGANÇA, M. "Nunca deu nada pra nóiz": referências culturais de valorização da negritude no videoclipe Mandume. In: **XV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador, 2019.

SILVÉRIO, F. F.; MOTOKANE, M. T. O corpo humano e o negro em livros didáticos de Biologia. **Contexto & Educação**, Ano 34, 108, 26-41, 2019.

TRIVELATO, S. L. F. Que corpo/ser humano habita nossas escolas? In: AMORIM, A. C. R. et al. (Orgs.). **Ensino de Biologia**: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: EdUFF, 2005.

VERRANGIA, Douglas. Criações docentes e o papel do ensino de ciências no combate ao racismo e a discriminações. **Educação em Foco**, 21(1), 79-103, 2016.